

Machado de Assis e o espiritismo no Século XIX: Uma pequena abordagem sobre “O Bruxo do Cosme Velho”

Nicolas Theodoridis

Pós-Doutorado na Logos University International, Miami, Estados Unidos

Professor de ensino fundamental na Prefeitura Municipal de Teresópolis e Professor Associado da Logos University International

RESUMO

Introdução: O presente artigo é resultado da pesquisa de Pós-Doutoramento, realizado na Logos University International, entre agosto de 2022 e julho de 2023, procurando entender o homem no seu tempo juntamente com o principal veículo de informações do período, o jornal, a temática espírita e suas considerações a respeito, Objetivo: O desiderato principal visou buscar compreender como a temática espírita foi retratada nas crônicas de Machado de Assis, mais especificamente, nas publicações das cinco séries escritas pelo autor, entre os anos de 1883 e 1897, para o jornal carioca, Gazeta de Notícias, totalizando 478 crônicas das quais todas foram lidas e analisadas. Método: A metodologia adotada foi a leitura das referidas crônicas mediante o uso das fontes digitalizadas e disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e que representam um enorme manancial de pesquisa através do site: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, totalmente acessíveis via Internet. Resultados: Com a leitura das crônicas no corte temporal de 1883 a 1897, foi possível descortinar todo um universo através da pena de Machado de Assis e suas considerações frente ao tempo em que escreveu, demonstrando a sua capacidade e talento no ato da escrita. Conclusões: Mediante as leituras das crônicas, pode-se observar a real intransigência de Machado de Assis frente ao espiritismo, caracterizado através das finas ironias direcionadas ao tema.

Palavras-chave: Machado de Assis, Espiritismo, Gazeta de Notícias.

1 INTRODUÇÃO

“O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo um sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”
(Machado de Assis)

Cada obra pertence ao seu tempo, sem dúvida, portanto, ao propor analisar os escritos de Machado de Assis em um determinado corte temporal (1883 a 1897) e dentro de um canal de comunicação somente (Gazeta de Notícias), faz-se necessário relacionar a obra literária ao seu “tempo de produção e à sociedade que se insere e, assim, retrata-a por meio de diferentes arranjos narrativos e formas de representação”, pois ela, obra, dialoga “com a cultura e com as demais artes, expressa o imaginário em que se inscreve e, logo, uma cosmovisão” (Kunz, 2020, p. 71).

Estacio (2020, p. 83) ressaltou sobre a questão da literatura que ela também é “uma forma simbólica de representação, depara-se, portanto, com uma miríade de significados possíveis, dependendo da condição de sujeito histórico dos atores envolvidos no fazer literário”.



Kunz (2020, p. 71) ainda alertou que “a literatura pois, está relacionada a seu contexto de produção e se debruça sobre seu tempo e seu meio, refratando a memória e a cultura de que é fruto”.

O mundo estava em ebulição. O país estava em transformação e a Capital Federal procurando acompanhar o ritmo destas mudanças. Dolhnikoff (2017, p. 81) relatou que poetas e romancistas queriam falar e retratar este novo universo que estava se descortinando, pois eles “estavam atentos a questões brasileiras, mas também queriam dialogar com novas correntes estéticas que surgiam na Europa. Entre eles, o mais importante foi Machado de Assis”.

Guimarães (2017, p. 27) citou algumas destas transformações no cenário a partir de 1870 com a entrada do “determinismo, evolucionismo, positivismo, romantismo e naturalismo – essas eram as palavras-chave que, com suas derivações e ramificações, formariam a constelação de ideias e dariam as balizas para a atividade crítica no Brasil” e acrescento o próprio espiritismo.

Machado tinha consciência disso em seus escritos. Era um homem afinado com seu tempo e suas preocupações gravitavam neste universo, não somente no Brasil, mas no mundo de forma geral. Sua imagem revela, conforme escreveu Bender (2020, p. 99), um homem “atento a seu tempo, que não somente descreve eventos culturais, mas deles se serve para a construção do texto literário, atribuindo-lhes variadas significações, além de usá-los como forma da manifestação de seu posicionamento estético”.

Dentro dos prolixos textos machadianos, Guimarães (2017, p. 62) acrescentou que Machado “é mestre na manipulação das referências, literárias e extraliterárias (...) com a proliferação as múltiplas referências “nacionais”, como atesta a história da recepção de sua obra, sempre embaraçada em questões relativas ao alcance e domínio de sua literatura”.

As produções machadianas tiveram esta característica de expor uma leitura de relações sociais entre as camadas sociais do Rio de Janeiro do século XIX, palco de praticamente todas as suas produções, embora, conforme expôs Kunz (2020, p. 72), esta visão podia ser estendida “às demais elites nacionais” e os conflitos mediante as “contradições e tensões sociais de um Brasil que se constituía pelo embate entre duas formas conflitantes, a tradição senhorial e o desejo de modernização¹” (Estacio, 2020, p. 81).

No caso que nos interessa em particular, a relação de Machado de Assis para com o Espiritismo, acompanhando as mudanças sociais, ele também tematizou a ascensão espírita, mostrando sempre o seu posicionamento com relação à nova doutrina. Com isso, visando uma melhor compreensão a respeito do assunto, esta pesquisa visa busca entender o homem dentro de seu tempo e quais foram as estratégias utilizadas pelo autor para realizar suas críticas contra o espiritismo, ao abordar o assunto na escrita cada uma das séries.

Dessa forma, na medida em que o espiritismo passou por um processo de ascensão na sociedade

¹ No intuito de melhor conhecer estas contradições da sociedade brasileira Oitocentista, aconselha-se a leitura do excelente livro de Roberto Schwarcz (1992) – *Ao vencedor as Batatas*.



Oitocentista brasileira, Machado tornou a doutrina tema favorito de suas crônicas, transformando o assunto em uma verdadeira forma de fazer troça dos espíritas, ao mesmo tempo em que converteu a temática em uma forma de criticá-los.

Nesta questão, a imprensa mostrou-se o veículo da qual tais críticas faziam-se presentes, tendo nos periódicos espíritas as respostas em contraposição aos escritos de Machado. Entendamos um pouco mais do Espiritismo e sua importância no século XIX.

O Espiritismo é uma das doutrinas sociais que proliferou na segunda metade do século XIX como uma das respostas possíveis ao ambiente multiplural europeu. No bojo das manifestações, pode-se ressaltar o socialismo utópico, o socialismo científico com a publicação do manifesto Comunista de Karl Marx, o positivismo de Auguste Comte, o evolucionismo de Darwin com *A Origem das Espécies*, o anarquismo, o viés cientificista, etc...., enfim uma profusão de propostas que assolaram os Oitocentos e que levou a uma fragmentação ainda maior no século XX.

No Brasil, sua penetração aconteceu muito cedo, vindo a tomar forma já na década de 80 dos Oitocentos. A pesquisa de Doutorado, defendida em 25 de março de 2022, demonstrou o intenso debate que ocorria nos periódicos, principalmente na então Capital Federal do país, o Rio de Janeiro.

Ler os extensos escritos de Machado nos remete a diferentes pontos de reflexão, sem dúvida. O trabalho realizado por Eduardo de Assis Duarte (2020), por exemplo, conforme a nota de sua terceira edição (p. 09) informou que a preocupação do autor estava voltada as “manifestações de afro descendência, expressas, sobretudo, nos posicionamentos textuais a respeito da escravização e das relações inter-raciais existentes no Brasil do século XIX”, tendo realizado exaustivo levantamento, inclusive em algumas fontes que serão alvo da pesquisa atual.

Em outro exemplo, Helen Caldwell (2021), a autora norte-americana expôs a influência inglesa de William Shakespeare (1564 – 1616) na obra *Dom Casmuro* denominando nosso autor como o *Otelo Brasileiro*, fato citado também por Guimarães (2017) no capítulo 03 de sua tese de livre-docência transformada em livro.

Já a pesquisa realizado no Pós-Doutorado veio a analisar os escritos do romancista brasileiro especificamente no jornal *Gazeta de Notícias*, entre 1883 a 1897, sendo ao todo 478 crônicas escritas em cinco séries diferentes, a saber: “Balas de estalo” (1883-1886); “A + B” (1886); “*Gazeta de Holanda*” (1886-1888); “Bons dias!” (1888-1889); e “*A Semana*” (1892-1897), pois é justamente nesse periódico que se concentra o maior número de crônicas voltadas à questão espírita. Conforme elucidou Chalhoub (2020, p. 202), para quem propõe analisar séries completas, como no caso em questão, elas:

“precisam ser analisadas por inteiro, em busca do temário do narrador, das continuidades e rupturas no seu modo de ver as cousas; cada peça ou crônica específica é unidade indivisível, ainda que tecida de fragmentos diversos, pois via de regra o raciocínio do narrador apresenta um fio condutor possível de discernir, já que guarda regularidades de visada e meneios retóricos previsíveis”.



Como exemplo da intransigência de Machado frente ao Espiritismo e de seu humor sarcástico, Schwarz (2012, p. 09) em suas observações iniciais no livro em que dissecou o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, fez uma interessante observação a respeito do título do livro afirmando o contrassenso pois “os mortos não escrevem”. Pois bem, tenho que discordar plenamente do autor, pois a psicografia é uma das formas de comunicação dos espíritos, sendo possivelmente a mais difundida desde os primórdios da doutrina espírita.

No Livro dos Médiuns (1861), no qual considero o grande referencial de interface entre os planos materiais e espirituais, Kardec dedicou dois capítulos (XIII – 198 a 202 e XV – 221 a 226) ao estudo da referida faculdade, embora existam outras referências em suas obras.

Como o livro não faz parte da análise proposta, não irei alongar o assunto, mas a referência do título e do desenrolar do romance visa galhofar com o Espiritismo tão criticado por Machado, pois conforme expressou Schwarz (2012, p. 18), “no romance machadiano praticamente não há frase que não tenha segunda intenção ou propósito espiritual”.

Embora a faceta de opositor ao espiritismo de Machado de Assis seja bem conhecida, a efetiva hermenêutica de seus textos ainda não foi completamente exaurida, sendo que, neste ponto, não somente frente a doutrina espírita, mas também procurando entender o homem como fruto de seu tempo.

2 CONHECENDO MACHADO DE ASSIS

Nem só éramos moços, éramos ainda românticos
(Machado de Assis)

Nesta parte, não tenho nenhuma pretensão de trazer algo novo e/ou inédito de Machado de Assis e de sua trajetória. Neste sentido, conforme elucidou Guimarães (2017, p. 14), “o terreno da fortuna crítica está bem mapeado, de modo que qualquer interessado em obter referências e conhecimento fundamental sobre a extensa e variada recepção crítica machadiana dispõe de fontes seguras às quais recorrer”.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839, no morro do Livramento. Morou no centro, perto do Largo do Machado e acabou mudando-se em 1884 para o Cosme Velho, onde viveu até o seu desenlace, em 1908. Seu pai, José de Assis, era natural do Rio de Janeiro, sendo filho de mulatos “livres” e sua mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis, era portuguesa de Açores. Portanto, filho de um trabalhador pobre, mestiço de negro e português, estudou em escola pública sendo ele um autodidata, tendo aos quinze anos, “um poema publicado com sua assinatura em uma revista de moda feminina” (Caldwell, 2021, p. 218) e, segundo Leal (2006, p. 13), “o texto era fraco, com algum compromisso com o Romantismo, mas não estava muito longe do nível das poesias dos novéis poetas de então”. Veio a dedicar-se ao jornalismo a partir dos dezessete anos como tipógrafo, extraindo do seu trabalho, o sustento pecuniário, mas não somente.

Pois bem, caminhando de mãos dadas com a vida intelectual da cidade do Rio de Janeiro, Machado fez carreira no serviço público, onde segundo explanou Leal (2006, pp. 14/15), ele chegou ao cargo de auxiliar do diretor do Diário Oficial e, logo após, em 1873, alçado ao “posto de primeiro oficial da Secretaria Estadual do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas”. Em 1888, recebeu a Comenda da Ordem da Rosa e no ano seguinte indicado para dirigir a diretoria do comércio. Já em 1892 veio a ocupar o cargo de diretor geral de viação e, em 1898 esteve à frente “na função de diretor da Secretaria de Indústria do Ministério de Viação”, chegando ao posto de diretor geral de contabilidade.

No meio de tudo isso, Machado casou-se com Carolina em 1869, embora com forte pressão da família da moça devido a epiderme de nosso futuro bruxo, fato qual teve o obstáculo retirado após “duas senhoras da melhor sociedade brasileira advogarem a causa de Machado” (Leal, 2006, p. 15).

Dolhnikoff (2017, p. 82) escreveu que ele foi uma exceção no universo letrado brasileiro devido a sua origem social humilde, mas que “a originalidade e a qualidade de sua obra fizeram dele um dos mais importantes escritores da história nacional”, vindo a escrever crônicas em diversos jornais fluminenses, sobre literatura e política. Já Veríssimo (1963, p. 309) acrescentou que:

“Ao contrário de alguns notáveis escritores que começaram pelas suas melhores obras e como que nelas se esgotaram, tem Machado de Assis uma marcha ascendente. Cada obra é um progresso sobre a anterior. Ou de própria intuição do seu gênio, ou por influência do particular meio literário em que se achou, fosse por que fosse, foi ele um dos raros senão o único escritor brasileiro do seu tempo que voluntariamente se entregou ao estudo da língua pela leitura atenta dos seus melhores modelos”.

Ferreira (2011, p. 316) informou que a trajetória de Machado começou quando ele ingressou “na tipografia de Paula Brito para trabalhar como revisor de provas em 1854, e depois participou da redação de jornais como *A Marmota Fluminense*, ao lado de outros escritores da geração romântica², muitos deles publicados por Paula Brito”, vindo a trabalhar, com estreitos vínculos com a imprensa, no “período que antecede o início da década de 1870 (...) passando a publicar, em jornais e periódicos, poemas, artigos de crítica, crônicas, traduções e contos de sua autoria”, vindo a alcançar reconhecimento ao iniciar o ano de 1870 (Saraiva, 2020, pp. 25/26).

Referente aos autores denominados românticos, Pereira (2009, p. 279) informou que “ao lançar seus olhos sobre o passado colonial brasileiro, os autores dos ideais românticos haviam buscado a base moral sobre a qual deveria se assentar o perfil nacional”, fato este usado por Machado até a sua mudança a partir de 1880.

Bosi (2020, p. 88) relatou que mesmo com sua inclusão no movimento romântico da época, na verdade, “Machado foi o mais “realista” dos narradores brasileiros do seu tempo; aquele que mais desassombradamente entendeu e explorou o espírito da nova sociedade e mais nitidamente o inscreveu em

² Para maiores informações sobre o Romantismo no Brasil, verificar Machado (2001).

figuras e enredos exemplares”.

Veríssimo (1963, p. 312) acrescentou que como poeta, Machado foi “o mais insigne dos seus prosadores e, no domínio que lhe é próprio, a ficção romanesca, o maior dos nossos escritores”, reunindo em sua pessoa, “qualidades de expressão” dos quais nenhum outro literato conseguiu.

Saraiva (2020, p. 28) acentuou que seus escritos para os jornais com “matérias variadas, que iam de produções próprias a comentários sobre eventos do cotidiano e, particularmente, sobre a cena política” demonstrou a apurada “observação e a crítica sobre o contexto social e desenvolvia sua consciência a respeito do descompasso entre os comportamentos e suas motivações” e “perceber o diálogo proposto pela crônica com alguns dos elementos que ordenavam então a vida social brasileira” (Pereira, 2009, p. 279).

Entre estes comentários, Machado teceu vários apontamentos a respeito do Espiritismo. Machado (1983, p. 59) afirmou que “nenhum escritor brasileiro do século XIX se mostrou tão intransigente em relação ao espiritismo quanto Machado de Assis”, indicando que a referida aversão iniciou-se na juventude, tornando-se um tom áspero na maturidade, somente se abrandando na velhice, “quase naquele momento de transpor os umbrais que dão acesso ao outro lado do mistério”. Por isso, seria natural efetuar a seguinte pergunta; Em que acreditava Machado de Assis? Qual sua religião?...

Perguntas de difíceis respostas. Inicialmente porque o autor não declarou explicitamente a nenhuma das indagações. Sabe-se que, “apesar de católico, Machado não estava sempre de acordo com as autoridades da Igreja” (LEAL, 2006, p. 34) e seus escritos mostram claramente determinados apontamentos que confirmam tal assertiva.

Conforme pontuou Leal (2006, p. 31), examinar a religiosidade de determinado autor, qualquer que seja, somente pode ser verificada através de suas obras, mas aí acabamos caindo em outra armadilha, ou seja:

“uma pessoa medianamente informada em Teoria Literária sabe que não se pode confundir o autor com seus personagens. O autor é a pessoa real, histórica e geograficamente determinada, enquanto o personagem é uma criatura de ficção, o que vale dizer: uma criatura inventada”.

Leal (2006, p. 32) partilha a opinião de que embora fictício, o personagem não é fruto somente da imaginação, mas também contém uma parte do autor que o criou, opinião esta da qual compartilho, com certeza. Continuando...

Maldonado (2015) ao referir-se a Machado e suas diversas crônicas críticas contra a Doutrina Espírita, traçou importante diferencial onde a autora identificou que a discussão trazida por Machado incluía não somente um, mas dois modelos religiosos onde vieram a serem identificados a posterior como baixo espiritismo (Umbanda e Candomblé) e alto espiritismo (Kardecismo).

Bosi (2012, p. 266) ao comentar a respeito de suas obras, afirmou que ela pode ser dividida “em dois

tempos – antes e a partir das *Memórias de Brás Cubas* (1881)³, com o divisor de águas nos anos 1879/1880 – não é invenção dos críticos”, pois “falava de questões de seu tempo que diziam respeito às angústias dos homens, em um romance que inovou inteiramente a literatura brasileira” (Dolhnikoff, 2017, p. 82).

Pereira (2009, p. 296), em *Brás Cubas*, acentuou que “em uma sociedade ainda marcada pelos laços de dependência, o autor consegue forma de expressão literária da realidade capaz de expor as verdades profundas sobre aquele mundo, em geral escondidas por trás das ideologias e conveniências”, representando bem a mudança relatada.

Pois bem, embora a referida pesquisa somente inicia-se em 1883, com as crônicas, vale a pena ressaltar o conto “O Espelho”, publicado em 08 de setembro de 1882⁴, na própria *Gazeta de Notícias*, que exemplifica a mudança de estilo e perspectiva de escrita alertado por Bosi (2020, p. 99), pois segundo o autor, Machado “investe contra as incertezas do eu romântico” e “passa a ser marcada por um tom agudamente irônico, que, voltando-se contra a classe burguesa, denuncia seu apego a um mundo de aparências”, revelando em sua composição, “uma atitude reflexiva do leitor, que deve abstrair o sentido dos contos mediante sua correlação com menções explícitas ou veladas do âmbito da cultura ocidental” (Mügge e Saraiva, 2020, p. 175).

Pereira (2009, p. 273) alertou que “seu olhar crítico mostrava-se capaz de captar os principais desafios e impasses atravessados naquele momento pelos círculos letrados brasileiros”. A mudança foi resultado apresentado por Machado que também repercutiu em outros autores que buscavam então uma fórmula literária que lhes permitisse dialogar mais diretamente com o tempo. Para tanto, Pereira, 2009, p. 275 afirmou que:

“Estimulados tanto por novas correntes estéticas de inspiração europeia quanto por questões e desafios propriamente locais, romancistas e poetas tentavam oferecer suas próprias alternativas para a crise literária que enfrentavam (...) de modo a entender o sentido da configuração de tal problema, o processo pelo qual se formularam respostas diversas aos desafios apresentados por Machado de Assis e as consequências dessa busca na literatura produzida na década de 1880”.

Ainda que valorize a presença e o instinto de nacionalidade entre os autores de seu tempo, não deixa de reconhecer o caráter ornamental do modo pelo qual esse se manifestava. Ele critica, por isso, a tendência de apenas se reconhecer o “espírito nacional” nas obras que “tratam de assunto local”. Para ele, tal tendência se expressaria contraditoriamente, no caso da prosa de ficção, em narrativas cada vez mais distanciadas da realidade em que viviam seus autores (Pereira, 2009, pp. 274/275).

Já Jackson (2020, p. 14) citou suas observações a respeito da escrita machadiana “em vista da influência do teatro e da ópera cômica nas suas obras”, atentando de o fato do gesto ocupar “uma posição

³ Ele foi desenvolvido inicialmente no folhetim da *Revista Brasileira*, entre março e dezembro de 1880. O livro saiu no ano posterior.

⁴ ASSIS, Machado de. O Espelho. Esboço de uma nova teoria da alma humana. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08 de setembro de 1882, página 01, edição 250. Folhetim.



de destaque, tanto que a leitura equivale à assistência a uma performance de cenas teatrais, encenada pelos personagens no palco de um grande teatro do mundo” e da forma estabelecida de comunicação entre o “espectador/leitor por meio de movimentos e gestos” (Jackson, 2020, p. 15).

Gledson (2003, p. 19) ressaltou que “a maneira como o escritor carioca compreende e assinala os liames estreitos que sujeitam o Brasil ao condicionamento de forças dominantes exteriores” e que, conforme escreveu Saliba (2006, p. 263) que:

“Sob a mira de seu olhar, não só a galeria de tipos do Rio entre patriarcal e moderno, mas a história inteira do gênero humano se convertia em nau de insanos, desfile de egoísmos ferozes ou, no melhor dos casos, feira de vaidades. Por meio de seus personagens, técnicas narrativas, recursos metafóricos ou alegóricos, Machado manejou, talvez como nenhum outro, as armas da suspeita universal e da desconfiança cética, que o seu entranhado caráter diplomático preferia sempre dissimular”.

As ironias de Machado sobre aquele tipo de representação idealizada do mundo anunciavam não só outra verdade sobre aquela sociedade, mas também novo modo de representá-la na literatura: era através da parcialidade dos pontos de vista, das contradições e vícios expressos nas provas de Manassés que o autor iniciava a tentativa de reelaborar a relação da literatura com “seu tempo e seu país”. Não por acaso, naquele ano Machado de Assis publicaria Helena, no qual a influência romântica de suas primeiras produções se somava à tentativa de representação das diferentes perspectivas e lógicas envolvidas nas relações de domínio pintadas em cores harmônicas e alegres por Alencar (Pereira, 2009, p. 286)

Assis notabilizara-se pelo olhar realista, fino e irônico desde fins do Império, onde ele desnudava as relações sociais marcadas pela hipocrisia, misérias da escravidão e pelo clientelismo generalizado.

Segundo Gledson (2003 e 2006), para uma melhor apreciação das opiniões de Machado sobre a sociedade em geral, o melhor manancial de análise seriam as crônicas, pois elas seriam a expressão de suas referências mais estáveis, caracterizadas nesses textos de jornal, com uma acesso mais direto ao pensamento do escritor, diferente, portanto, dos livros publicados, pois são nestas crônicas onde repertório de notícias do qual ele sorveu sua fonte de inspiração mediante os costumes, as instituições e as questões sociais e políticas do período.

Bosi (2020, p. 11), especificou que o objetivo principal do “Bruxo” estaria centrado no comportamento humano e que ele teria alcançado seu desiderato através da “percepção de palavras e pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império”, tendo como palco de fundo, a cidade do Rio de Janeiro e que ele teria conseguido penetrar os “meandros da sociedade fluminense, isto é, o presente, já urbanizado e até certo ponto modernizado, na medida em que guardava no seu bojo a decomposição do sistema escravista e da hegemonia imperial (Bosi, 2020, p. 151).

Chalhoub (2020, p. 213) acrescentou as informações de Gledson, mostrando que, para a análise destas séries completas às quais pertencem cada qual a um determinado período, faz-se imprescindível a:



“leitura de cada crônica como peça inteira no contexto da série, na leitura do cronista específico em diálogo com outros cronistas, na visão do gênero cronístico em interlocução com outros gêneros narrativos, literários ou não, também presentes nas páginas dos periódicos em pauta, e fora deles – buscar, em suma, conceber essas produções literárias como forma de intervenção no devir da História”.

Pois bem, Gledson (2006, p. 101) argumentou que para entender Machado de Assis e suas histórias, elas “costumam inserir detalhes políticos e históricos (...), em referências oblíquas, cujas peças o leitor tem que juntar e montar, frequentemente contra o sentido da narrativa, pelo menos como o narrador o compreende”.

Na tentativa de compreensão de tão prolixo autor, além da leitura integral das crônicas, vale a pena também efetuar a tipificação de cada personagem criado pelo autor, pois segundo Bosi (2020, p. 25), “à medida que a personagem supera a tipificação, mediante o escavamento das suas peculiaridades, são as imagens e as metáforas que servem melhor ao processo de representação, liberando-a do risco da fôrma alegorizante”, fato estendido a todas as suas caricaturas criadas, reconhecendo toda “uma teia de relações sociais, quer intrafamiliares (...), quer de vizinhos, profissão e vida pública entre pares ou entre pessoas situadas em níveis distintos” (Bosi, 2020, p. 153).

Estes “pseudônimos podiam ser meio de elaboração de personagens-narradores, cujo perfil era construído cuidadosamente ao longo da série – em procedimento que se mostrava muito distante da imagem casual e direta muitas vezes a elas atribuída” (Chalhoub et al, 2011, p. 16), assim como o título ou qualquer outro recurso utilizado.

Bosi (2020, p. 38) alertou para tal dissociação no intuito de melhor compreensão dos seus escritos, de forma geral, através de uma “perspectiva em duas dimensões: de um lado, o foco narrativo explícito; de outro, a consciência autoral”, em que, no primeiro caso, não representaria ao real pensar do autor, omitido através de uma capa capaz de enganar e de confundir o leitor.

No período Republicano, através de duas obras, *Dom Casmurro* (1899) e *Esau e Jacó* (1904), embora fora do corte temporal proposto da pesquisa, ele, segundo nos informou Napolitano (2016, p. 50), “retratou os dilemas políticos e sociais da transição do Império para a República a partir dos conflitos entre dois irmãos (...). Ambos disputavam na política e na vida, sob a sombra do conselheiro Aires, diplomata e quadro político do Império, espécie de narrador do romance”⁵.

A Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 1897, “acabou congregando os escritores e intelectuais mais prestigiados do começo da República. A ABL era a “torre de marfim” a partir da qual o letrado deveria olhar o mundo e, no seu abrigo, representá-lo literariamente” (Napolitano, 2016, pp. 47/48). Machado de Assis, juntamente com mais 29 estavam entre os membros fundadores, vindo a ser o primeiro presidente da Instituição.

⁵ As constantes críticas de Machado a sociedade o levou a ser alvo de críticas e ataques, sobretudo de Silvio Romero.



Neves (2006, p. 21) retratou que no período republicano, com o crescimento das cidades, cresceu também a pobreza. Machado caracterizou bem esta realidade, especialmente na Capital Federal, Rio de Janeiro, onde “esse mesmo fenômeno pode ser observado e é capturado pela literatura”. Neves citou o contraste, que foi utilizado por Machado, em um dos temas das páginas de Esaú e Jacó (1904), “entre o morro do Castelo e os palacetes da rua São Clemente”.

Fato igual relatado por Flores (2006, p. 61), onde a crítica de Machado ao governo de Floriano escrito no livro Esaú e Jacó (1904), pois a morte de Flora foi causada pela incapacidade de escolha entre os gêmeos, um republicano e outro monarquista, que segundo Flores “a ficção seria tão realista quanto a história, porque mais do que a República da Espada, melhor seria dizer mesmo que se tratava da República do imprevisto”, mostrando o seu desgosto com os rumos tomados pela República.

Pois bem, traçado este pequeno panorama sobre Machado de Assis, vejamos no item posterior a forma de estilo de escrita de Machado, neste caso, a crônica.

3 CRÔNICA

O nascedouro das crônicas e de sua funcionalidade, seria, por definição do próprio Machado⁶, a de tratar de cousas ínfimas, onde as mesmas, segundo as palavras de Chalhoub et al (2011, p. 11), teriam “surgidas ao acaso, da espontaneidade de uma conversa” e que “teriam como uma de suas características primeiras a leveza”. As mesmas retirariam a sua matéria-prima dos assuntos do dia a dia através de pequenos e triviais acontecimentos, construindo uma “cumplicidade entre o autor e o público quanto aos temas e questões a serem discutidos” (Chalhoub et al, 2011, p. 13).

Resende (1995, p. 11) ressaltou também que as crônicas eram um tipo de “escrita para ser publicada em folhetins, jornais, revistas ou suplementos”, pois ela era uma “criação literária ligada ao imediato como o veículo que lhe serve de suporte”, sendo “justamente esse sentido do provisório que lhe dá a leveza e um aparente descompromisso que terminam por torná-la especialmente autêntica”.

Maldonado (2015, p. 28) informou sobre a extrema importância do trabalho do cronista, “pois as crônicas eram o meio usado para refletir sobre a realidade local e nacional, funcionando como uma grande vitrine dos acontecimentos da semana e convidando os leitores à reflexão sobre os mesmos”.

Mesmo com tal importância, Neves (1995, p. 17) identificou que somente recentemente os historiadores descobriram o fascinante universo das crônicas como objeto de estudos observando que tanto os modernos cronistas quanto os antigos tinham em comum “o desejo de, através da crônica, condensar na letra o tempo vivido”.

Sobre a questão do trabalho com textos, principalmente o dos periódicos Oitocentistas, Neves e

⁶ MANASSÉS. História de quinze dias. *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1877, páginas 142 e 143, edição 33.

Ferreira (2014, p. 295) informaram que ele permite identificar:

“o sentido das mensagens transmitidas pela palavra escrita, ressaltando-se que os impressos se transformam em meio privilegiado de diálogo com o passado, de criação e de inovação. Por conseguinte, a análise dos impressos pode se constituir em uma forma de abordagem acerca das dimensões do Estado brasileiro no século XIX, ultrapassando dicotomias clássicas entre o público e privado ou Estado e Sociedade Civil”.

As duas autoras ainda ressaltaram que para este tipo de análise, “tratando-se da história, é o historiador que os forja (...) a fim de procurar perceber como alguns segmentos da sociedade tentaram dar respostas aos problemas de sua época” (Neves e Ferreira, 2014, p. 295) e “fosse por choque ou reflexão, ficava claro que os literatos brasileiros ostensivamente voltavam seu olhar para as ruas, tirando delas matéria para sua arte” (Pereira, 2009, p. 297).

Para o período de análise das crônicas, Chalhoub (2020, p. 197) observou que estava centrada na “tradição dos costumes políticos, e de outros costumes também, políticos num sentido menos aparente, por isso talvez mais profundo e de maiores consequências na reprodução das injustiças sociais” e a natureza da sua indeterminação nas crônicas, faz com que o cronista esteja “sempre sujeito ao imponderável do cotidiano, que tanto lhe fornece temas e problemas com os quais discutir quanto modifica e redireciona suas opções iniciais” (Chalhoub et al, 2011, p. 17).

Neste sentido, Chalhoub (2020, p. 197) ainda acrescentou que as crônicas machadianas da década de 1880 e a subsequente, apropriam-se “do repertório satírico, em verso e prosa, das lutas políticas entre periodistas liberais e conservadores ao longo do Segundo Reinado”, assim como do início do período republicano.

Sobre o estilo em si, as crônicas, mais uma vez Chalhoub (2020, p. 201) em sua apreciação ao informar que ela “é gênero imerso na indeterminação de sua época, na incerteza da história vivida”, pois ela “depende da interlocução imediata com outros textos, discursos, gestos. Nutre-se dos fatos do momento e busca interferir em seu curso”, acrescentando uma segunda característica que seu enfoque, “longe de exclusiva”, pauta-se na matéria política.

Tal observação foi ressaltado também por Beatriz Resende (1995, p. 35) de que o gênero é uma modalidade de literatura urbana e que nasceu na cidade do Rio de Janeiro, onde o cronista tinha a possibilidade de observar as nuances do cotidiano, dirigindo seu olhar para as inúmeras possibilidades oferecidas no ambiente da então Capital Federal do Brasil.

Devido ao aspecto trivial citado, somente “recentemente esses registros começaram a merecer olhares mais cuidadosos, que apontam sua importância tanto no campo de experimentação literária quanto testemunho do tempo vivido” (Chalhoub et al, 2011, p. 14).

Machado de Assis não fugiu à regra exposta acima e, no caso dos folhetins e das séries da qual participou, somente foi observado o seu uso no jornal Gazeta de Notícias, por ele utilizada como forma



expor as suas ideias e modo de pensar, fruto de um homem de seu tempo e, por isso, imerso em suas conjecturas. Conheçamos um pouco mais deste importante jornal do século XIX.

4 GAZETA DE NOTÍCIAS

O jornal foi fundado por José Ferreira de Araújo, Henrique Chaves, Manuel Carneiro e Elísio Mendes em 02 de agosto de 1875, na Corte, vindo a introduzir uma série de inovações para a imprensa do período Imperial, transformações estas relacionadas “a significativa expansão das atividades ligadas ao setor de transportes e serviços, um considerável crescimento da população (...) instalação dos telégrafos (1874), o desenvolvimento dos correios e, principalmente de uma malha rodoviária (...)” (Barbosa, 2000).

Segundo Ramos (2008, p. 152), “a Gazeta inaugurou uma forma barata e popular de fazer jornais e, com ela, a imprensa ganharia, aos poucos, ares de grande empreendimento comercial, tornando-se verdadeiramente acessível a um número cada vez maior de leitores”. Além do preço acessível, o jornal inaugurou um “sistema de vendas avulsas pela cidade e se diferenciava da maioria das publicações existentes no período ao espalhar pelas ruas da cidade meninos” que ofereciam aos berros os exemplares.

Outras inovações foram o emprego do clichê, das caricaturas e da técnica de entrevistas, além de “um novo formato para as colunas e artigos da Gazeta, fazendo-os mais alegres, leves e acessíveis ao leitor (Ramos, 2008, p. 153), vindo a ser considerado um dos principais jornais do período republicano.

A Gazeta contava com uma tiragem significativa de 24 mil exemplares, com seis páginas, “sendo as duas últimas (ou um pouco mais) destinadas a anúncios, uma aos “A pedidos”, e o resto a uma mistura de notícias, informação comercial, reportagens parlamentares, notícias sobre teatro, artigos mais longos assinados por autores mais ou menos célebres” (Gledson, 2006, p. 136).

Segundo nos informou Gledson (2006, p. 136), o jornal “estabeleceu entre os escritores e o público uma relação relativamente íntima, um tom de conversa e de intercâmbio diário que talvez não houvesse, nem antes nem depois (...)”.

Contando com nomes de renome em suas colunas, entre eles Machado de Assis, todos identificados por pseudônimos, escreviam sobre “política, a religião, produções artísticas e literárias, a ciência, a economia” (Boenavides, 2020, p. 217), onde enfatizavam as contradições da modernização à brasileira, sendo uma delas a questão da escravidão.

Boenavides (2020, p. 225) esclareceu que, embora o jornal fosse tratado “até com certa reverência pelos abolicionistas”, o fato era que ele trazia em suas páginas pagas “anúncios de aluguéis e venda de escravizados”, fato qual entendido pois, como o jornal não era ligado a nenhum partido político:

“a Gazeta mantinha-se principalmente por assinaturas, vendas e anúncios, tendo como fonte de renda subsidiária a oferta de serviços de impressões e tipografia, como se observa nos próprios anúncios do periódico. Quem quisesse escrever na seção dos “a pedidos” do jornal, por exemplo, deveria pagar uma quantia que variava de acordo com o número de linhas e até com o espaço entre elas. Da mesma



forma, os anúncios chegavam a ocupar mais da metade da área do jornal. No mínimo, uma edição de seis páginas da Gazeta tinha duas delas inteiramente dedicadas aos anúncios, sendo que, muitas vezes, eram três” (Boenavides, 2020, p. 227).

Em 1956, após oitenta e um anos de existência, a Gazeta exalou o seu último suspiro em 30 de dezembro com a edição 299 do ano, ficando fechada somente por um mês em fins de 1893 devido ao embate com o então presidente Floriano Peixoto mas, com certeza, contribuiu imensamente com as mudanças do período, de modernização da imprensa a partir de sua fundação em 1875, assim como a popularização dos periódicos, pois trouxe em sua bagagem todo um pungente debate da sociedade Oitocentista brasileira em seus múltiplos aspectos, ou seja, as suas contradições e todas elas pautados no gênero da crônica, pois abordava “de maneira singular as mudanças ocorridas no cotidiano brasileiro da década de 1880 e participava, ela mesma dessa modernização” (Boenavides, 2020, p. 219).

Concluindo, a passagem de século, acompanhada pelas mudanças científico-tecnológicas, a utilização de novas fontes de energia, alteraram completamente a “vida humana em escala global nas três últimas décadas do século XIX” (Saliba, 2006, p. 242) e os jornais acompanharam as mudanças, adaptando-se as novas exigências do mercado, do público leitor, da sua popularização e da profissionalização de seus profissionais.

Embora contando com tantas novidades e crescimento, o ambiente cultural brasileiro manteve-se sem maiores novidades até 1922, com a Semana de Arte Moderna e a imprensa também sofreu com estes aspectos mais profissionais e do saudosismo de uma época riquíssima que foi o Império, recheada de um cabedal de escritores de primeira linha que desenvolveram no período um riquíssimo manancial de escritos, que fazem parte dos chamados clássicos de nossa literatura.

“Máquinas de impressão, seres humanos letrados e papel: eis aqui o tripé sobre o qual se assenta a produção massiva de jornais”, conforme explicou Barros (2019, p. 186).

5 CONCLUSÃO

Após o término das leituras das 478 crônicas de Machado de Assis, desenvolvida no transcurso de 1883 até 1897, ficou claro, embora sempre citada, a aversão que o autor mantinha em relação ao espiritismo.

Seu modo peculiar de escrita, sua fina ironia e seu senso crítico, digamos, “azedo”, fez com que as referências aludidas a respeito da Doutrina tivessem sempre o ar cômico e desafiador.

Após a morte de sua esposa, Carolina Augusta Novais, em 1904, nosso “bruxo” arrefeceu as críticas, possivelmente, sem poder afirmar, naquele momento em que somos confrontados com a nossa finitude e o que nos espera daí para frente.

Mesmo sendo católico, Machado também exarou críticas direcionadas a Igreja, embora sem o mesmo ímpeto perpetrado ao espiritismo.



O que foi possível analisar nas leituras das crônicas foi de que Machado era extremamente pragmático e realista em seus escritos e, mediante tais características e de sua visão pessimista frente aos problemas do mundo, uma doutrina que promulga o aspecto de progresso e desenvolvimento do espírito como desideratos desta evolução, fossem dissonantes aos ouvidos dele, daí a sua recusa e críticas aos ensinamentos espíritas.

Para poder efetuar suas ressalvas, nosso autor teve que obrigatoriamente ler os livros do chamado Pentateuco Espírita, por ordem de divulgação, “O Livro dos Espíritos” (1857/1860), “Livro dos Médiuns” (1861), “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864), “O Céu e o Inferno” (1865) e o último, “A Gênese” (1868), embora, possivelmente, de forma mais superficial.

De qualquer forma, ler e reviver momentos históricos de nossa história através dos escritos de Machado de Assis, mostraram-se extremamente gratificantes no transcurso de um (01) ano do qual me debrucei na elaboração da pesquisa.

O espiritismo encontra-se fortemente arraigado e consolidado como religião no Brasil, embora tenha se “transformado” neste caminhar, desde a segunda metade do século XIX até hoje, dando ênfase ao seu viés religioso ou, conforme os dizeres de Kardec, nas proposições morais de sua filosofia, efetuando, desta forma, uma aproximação com o Catolicismo e poderia até dizer, um sincretismo ligado, também, as religiões de matriz afro e a Umbanda.

Chego ao fim da pesquisa satisfeito com os resultados obtidos e agradecido em penetrar na mente de nosso maior nome da literatura nacional.



REFERÊNCIAS

- RAMOS, Ana Flávia Cernic. “Balas de Estalo” de Machado de Assis: humor e política no Brasil Imperial. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 149-168, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/1194>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- BARROS, José D’Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- BENDER, Débora. O teatro da vida: a ópera em Dom Casmurro. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (orgs.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- BOENAVIDES, Willian Moreno. Modernização à brasileira como princípio de leitura da série Balas de Estalo. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (orgs.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021.
- CHAULHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- CHAULHOUB, Sidney et al. (orgs.). *História em cousas miúdas*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.
- DOLHNIKOFF, Miriam. *História do Brasil Império*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afrodescendente: antologia e críticas*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- ESTACIO, Denise. Cartografia literária e o percurso do enforcamento em Quincas Borba. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (orgs.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Livros e cidadania no Rio de Janeiro do século XIX. In: CARVALHO, José Murilo de; CAMPOS, Adriana Pereira (orgs.). *Perspectiva da cidadania no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FLORES, Elio Chaves. A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil republicano – Volume I: o tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê: as figuras machadianas através das críticas e das polêmicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.



JACKSON, Kenneth David. O gesto na ficção machadiana. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (orgs.). Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2020.

KARDEC, Allan. O livro dos médiuns. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KUNZ, Marinês Andrea. Literatura e sociedade brasileira: Quincas Borba e o Humanitismo. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (orgs.). Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2020.

LEAL, José Carlos. A rosa e o espinho: um estudo sobre Machado de Assis e o Espiritismo. Rio de Janeiro: Edições Leon Denis, 2006.

MACHADO, Ubiratan. A vida literária no Brasil durante o Romantismo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MALDONADO, Elaine Cristina. Machado de Assis e o Espiritismo. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2015.

MÜGGE, Ermani; SARAIVA, Juracy Assmann. “O espelho”, de Machado de Assis: fendas entre realidade e aparência. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (orgs.). Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2020.

NAPOLITANO, Marcos. História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). O Brasil republicano – Volume I: o tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira; FERREIRA, Tania Maria T. Bessone da Cruz. Minerva Brasiliense: publicistas e políticos na elaboração das linguagens políticas do Império do Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lucia Maria Bastos P. (orgs.). Dimensões e fronteiras do Estado brasileiro no Oitocentos. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2014.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do Império. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). O Brasil Imperial – Volume III: 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RESENDE, Beatriz. Rio de Janeiro, cidade da crônica. In: RESENDE, Beatriz (org.). Cronistas do Rio. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura/As apostas na República. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). O Brasil republicano – Volume I: o tempo do liberalismo excludente. Da proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SARAIVA, Juracy Assmann. Teatralidade: diálogo entre arte e vida. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (orgs.). Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2020.

SCHWARCZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Editora Livraria Duas Cidades, 1992.



SCHWARCZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012.

VERÍSSIMO, José. História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.